

ENTRE A PENA E A ESPADA
(A SAGA DO POETA E AVENTUREIRO LUÍS VAZ DE
CAMÕES)¹

Álvaro Cardoso Gomes²

IV

Em que se trata de uma conversa de Camões e o jovem Pedro, na tasca de um homem conhecido como o Moiro. Em que se trata igualmente da arte do jogar dados e da paixão de uma rapariga pelo poeta.

A tasca do Moiro situava-se bem no coração da Alfama. Camões parecia bem à vontade por ali. Ora acenava com a cabeça para uns, ora dava tapas amigáveis ao ombro de outros e, ora mesmo, abraçava pela cintura e beijava as mulheres que dele se aproximavam.

Entramos na taberna, acanhada, as traves do teto negras de fuligem. O chão era imundo e o mesmo se podia dizer da mesa junto à qual abancamos. Viam-se manchas violáceas de vinho, placas de gordura, pratos e copos sujos. Grupos ruidosos de marinheiros e malandrins bebiam, cantavam e gritavam ordens aos poucos serviçais, que corriam dum lado para outro levando jarras, copos e travessas. Sentamo-nos e Camões gritou:

— Ó Moiro, traze-nos uma jarra daquele tinto especial. E uma boa porção de carapaus.

Sem se importar com minha cara de nojo para a sujeira da tasca, disse, beijando a ponta dos dedos:

— Ireis beber um verdadeiro néctar dos deuses. Quanto aos carapaus..., duvido muito que tenhais comido algo semelhante em vida.

Quando a bebida chegou, acompanhada duma travessa cheia até as bordas de carapaus fritos, tive que reconhecer que cheiravam bem. O Moiro, um homenzarrão tisonado, o que justificava a alcunha, fez questão de nos servir:

— Dom Luís, está aqui o que pedistes.

— Trago-te um jovem fidalgo. Vê se não me envergonhas, fornecendo-nos vinho de segunda.

O Moiro juntou as mãos indignado:

¹ Estes capítulos são do romance *Entre a Pena e a Espada* que fará parte da coleção “Meu Amigo Escritor” (Editora FTD), da qual sou o diretor e autor dos seguintes volumes já editados *O poeta que fingia* (prêmio Jabuti), *Liberdade ainda que tardia*, *Memórias quase póstumas de Machado de Assis* (prêmio Jabuti), *A menina que conheceu Mário de Andrade*.

² Professor Titular da USP, coordenador do Mestrado em Educação e Educação em Saúde, da Universidade Brasil, e-mail: alcgomes@uol.com.br.

— Dom Luís, e quando foi que vos envergonhei? – E voltando-se para mim: – Senhor fidalgo, experimentareis o melhor vinho e os carapaus mais saborosos de toda Lisboa! Vereis que dom Luís está a brincar comigo.

O Moiro voltou para o balcão. Camões pegou os copos, esfregou-os vigorosamente com o lenço encardido e pôs neles o vinho.

— Bebei e vede se não tenho razão. Se cá sobejam sujidades, o sabor do vinho e da comida fará com que esqueçais de todo o resto.

Emborquei o copo. O vinho era forte, encorpado e soube-me bem. Quanto aos carapaus, fizeram esquecer-me de vez o que costumava comer em casa. Nossa cozinheira, a querer agradar o gosto refinado de minha mãe, costumava temperar as carnes e os peixes com condimentos e molhos à base de leite e mel. Era a comida enjoativa, e vinha daí a minha constante falta de apetite.

Na tasca, não. Os carapaus eram fritos diretamente na grelha e temperados apenas com sal e pimenta, acentuando o gosto natural do peixe.

Vendo que eu comia com voracidade, Camões disse:

— Pois aqui, se quereis saber, come-se e bebe-se melhor do que no Paço.

E gritou ao Moiro que trouxesse mais uma jarra de vinho.

Saciados, mas ainda bebendo um e outro copo, perguntei a Camões sobre a desavença com aqueles malandrins. Ele deu um sorriso maroto:

— Há homens que são muito afoitos quando jogam. Jogar é uma arte. Requer ciência e paciência.

— Arte? Como assim? Para mim, jogar os dados depende apenas da sorte.

— Sorte? – Camões riu-se – Longe disso, meu caro. Não se pode contar tão só com a sorte quando se jogam os dados. Como vos disse: jogar dados requer ciência... e paciência.

— Pois continuo... – comecei a protestar.

Tirou dois dados de marfim bem desgastados duma bolsinha a tiracolo.

— Vamos então desafiar a sorte – disse com bom humor.

Sacudiu os dados entre as mãos, aproximando-as do ouvido. Depositou-os sobre a mesa e disse, sem mostrá-los:

— Quanto julgais que há sob minhas mãos?

— Quanto? Mas...

— Não acreditais na sorte? Pois, então, dizei.

Refleti um pouco e arrisquei:

— Talvez a soma de sete.

— Não há mais que cinco. Um dado com quatro e o outro com um – contestou Camões, com toda convicção.

Ante meu ar de desconfiança, levantou as mãos. E não é que a soma dera mesmo cinco?

— Continuo achando que foi sorte.

Camões sorriu, zombeteiro.

— Vamos lá.

Tornou a sacudir os dados dentro das mãos e depositou-os sobre a mesa, outra vez, sem mostrá-los.

31 Criação & Crítica

— Então...?

Dei de ombros.

— Creio que nove.

- Doze – rebateu.

“Impossível” – pensei cá comigo. Mas os dados, revelados, deram mesmo doze!

— Se quiserdes, posso repetir o lance.

— Estais a brincar comigo – protestei.

— Não estou a brincar. Nunca brinco com essas cousas.

Voltou a balançar os dados entre as mãos e disse:

— A minha sorte, revelada, dar-me-á o doze novamente – disse com aquele tom zombeteiro.

Abriu as mãos. E lá estavam os dados mostrando a mesma face do seis. Doze! Duas vezes seguidas. Tinha de reconhecer: não era sorte. Era arte ou a mais pura magia. Mas e se fosse algum tipo de trapaça...?

Camões apanhou meu olhar de desconfiança e disse com malícia:

— Creio que estais a desconfiar de que são dados viciados...

E guardou-os na bolsa. Será que os peralvilhos não tinham razão? Camões não os enganara utilizando dados viciados? Não podendo refrear minha curiosidade, perguntei:

— Não ireis explicar-me como se jogam tais dados?

Antes que Camões me respondesse, fomos interrompidos por uma rapariga esbelta e morena que, surgida do nada, atirou-se ao colo dele.

— Meu querido Luís! Por onde andaste, que te procurei por toda Lisboa?

- Pelos sítios de sempre, tu sabes – respondeu ele, fazendo um gesto vago com a mão.

Ela beijou-o numa das faces, cheia de denguiço.

— Disseste que virias ter com tua Inezita ainda ontem. Aguardei-te e não vieste!

— Negócios...

— Negócios? Sei que negócios são esses! – disse ela, levantando-se e pondo as mãos na cintura. – A Luísa disse-me que ontem te viu beber com a Anita na tasca do Velho Joaquim!

Camões levou a mão ao peito e protestou:

— Com a Anita? Como poderia estar eu a beber com ela, se andava a resolver meus negócios na Praça do Pelourinho Velho – e piscando o olho para mim, completou: – E depois nada há nela que me atraia.

— Pois seria mesmo bom que nada tivesses com aquela porca! Se venho a saber que...

Ela tornou a sentar-se no colo dele e beijou-o outra vez, amuada.

— Dize que amas só a mim. Que não tens outra.

Camões sorriu e deu-lhe uma palmada na coxa.

— Claro que só amo a ti, ó Inez.

E fechou o olho, como a refletir. Abriu-o e disse uns versos, de modo muito provável compostos de improviso:

Como posso amar outra mulher,
Se tenho para mim a minha Inez
Que, com raro e sublime amor, fez
Meu coração mui mais forte bater?

A rapariga derreteu-se toda:

— Ó Luís! Que versos mais lindos! Eu sabia que me amavas de verdade.

Camões, já enfadado, empurrou-a e disse:

— Então, deixa-me beber com meu amigo. Mais tarde, vou ver-te.

— Juras?

A mulher era insistente.

— Está bem, juro.

A tal da Inez, afinal, afastou-se. Camões suspirou e disse:

— Estas mulheres... – e acrescentou, como se estivesse aliviado: – Bom, afinal, deixou-nos em paz... Estávamos a falar mesmo do quê?

V

Como se dá início a uma nova e grande amizade entre nosso herói e o poeta e espadachim Luís Vaz de Camões, de vida aventureira e cheia de amores. Como se trata aqui também de um conceito de Amor

Naquela noite, Camões nada me contou sobre a ciência dos jogos de dados. Diante de minha insistência, meneou a cabeça e disse:

— Sois ainda muito jovem para estar por aí a jogar dados.

— Não quero jogar dados, só queria saber como fazeis para adivinhar os números.

Camões refletiu um pouco e disse:

— Os santos, quando fazem milagres, não explicam como os fazem. Apenas os fazem – respirou fundo e acrescentou: – Longe de mim ser um santo, mas não me apraz contar como faço minhas artimanhas.

Não insisti, mas não deixei de pensar que talvez os peralvilhos tivessem razão, ao se desentenderem de tal modo com Camões a ponto de querer agredi-lo. Mas depois refleti também que, nesse mundo de tascas, todos deviam utilizar-se de artimanhas nos jogos de azar. E se Camões os suplantara em esperteza, melhor para ele.

Logo pus de lado a questão, sem dúvida, provocada por lembrar de minha mãe, sempre tão devota e preocupada com rebates morais.

Tantas foram as histórias que Camões contou-me que não vi passarem as horas. Nunca havia conhecido alguém com uma vida aventureira e bem diferente, pela diversidade, do comum das gentes.

Pelo que vim a saber, ele tinha muito boas relações na corte de dom João III e já era bem respeitado, entre a nobreza, por sua poesia e por sua participação em batalhas no norte da África. Mas o que me deixou mesmo intrigado foi o fato de ele frequentar o Paço, entabular conversação com pessoas nobres, cortejar as mais belas damas, escrever uma poesia das mais sensíveis e, ao mesmo tempo, conviver com malandrins, mulheres da rua e envolver-se em confusões. Talvez esse contraste em sua pessoa é que tanto provocou minha admiração por ele.

Conhecer Camões ajudou-me a abrir as portas para um novo mundo. E tudo isso depois de apenas uma noite na tasca do Moiro! Mas, como vim a descobrir mais adiante, aquele misto de poeta e aventureiro tinha ainda mui o que contar.

Já de madrugada, saímos abraçados da tasca. Amparado em Camões, pois mal me podia ter nas pernas, fomos até minha casa. À despedida, deu-me um forte abraço.

— Até mais ver, meu caro Pedro – e passou a tutear-me, como se fôssemos velhos amigos: – Gostei de ti. Quando quiseres, podemos ter outra conversação como esta de hoje. É só perguntares por mim ao Moiro.

Tive uma noite mal dormida, consequência do vinho da tasca. Ao acordar, passei o dia na maior ansiedade. Não via a hora de tornar a ver Camões e ouvir mais histórias sobre sua vida tão agitada. E, no início da noite, saí à procura dele, mas não foi nada fácil encontrá-lo.

— Dom Luís? – resmungou o Moiro, passando um pano imundo sobre o balcão cheio de moscas. – Hoje, inda não vi o fidalgo. Quem sabe encontrareis o poeta a escrever versos em outra tasca, das muitas cá da Alfama.

Perambulei pelo bairro, entrando nas mais diversas tabernas, mas em vão. Até que me lembrei da tasca do Velho Joaquim, a que aquela Inez havia se referido. Perguntando a uns e outros, descobri que ficava ao pé do Rossio

A tasca do Velho Joaquim pouco se diferenciava da do Moiro: as mesmas traves escuras, as mesmas marcas violáceas e engorduradas das mesas, os mesmos frequentadores bêbedos, cantando e gritando. Entrando, deparei com Camões que, assentado a uma mesa ao fundo, estava a escrever.

— Olá, dom Luís – disse, aproximando-me.

Levantou a cabeça e exclamou:

— Ó meu caro Pedro! Assenta-te, que estou a terminar de passar uns versos a limpo. Bebes um copo de vinho?

Fez sinal ao taberneiro. Ele ficou a escrever por algum tempo até que, ao dar por finalizada a tarefa, disse:

— Lê e vê o que achas.

Tinha diante de mim um soneto, escrito num belo cursivo. Li-o com bastante atenção, pois era muito complexo o modo como Camões tratava do amor:

Amor é um fogo que arde sem se ver,
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente,
É dor que desatina sem doer.

31 Criação & Crítica

É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

— O que achaste? – perguntou, com certa ansiedade, assim que terminei de ler.
— O que achei? – disse, maravilhado. – Belíssimo, dom Luís! Jamais tinha visto uma definição tão diversa do que se diz por aí sobre o amor.

— Como assim?

— O que as pessoas dizem é que o amor é algo singelo, puro, que nos eleva a alma e, por isso mesmo, torna-nos felizes.

— Acreditas mesmo? – perguntou, cofiando a barba. – Que o amor singelamente só visa a nos tornar felizes? Que não traz na sua essência nenhum pouco de dor, de infelicidade?

Lembrei-me do meu amor por Manuela e do quanto sofria com a ausência dela. Mas, como ainda não estava convencido, em vez de responder, fiz-lhe duas perguntas:

— Desculpai, mas é isto mesmo que pensais do amor? Algo tão desconcertante?

— Sim, e por que não? Que seja algo desconcertante, pois, ao mesmo tempo, conforta e faz sofrer.

Camões refletiu um tanto e continuou:

— Essa contradição interna do amor é que muitas vezes nos impede de encontrar palavras para descrevê-lo. Daí os paradoxos. Jamais digo que o amor é isto ou aquilo e, sim, que é isto e aquilo, ao mesmo tempo.

— “É um contentamento descontente” ... – murmurei como que para mim mesmo e disse: – Devo concordar que o soneto diz-me cousas que sempre senti e que nem sempre soube como expressá-las.

Camões encheu meu copo de vinho e, mudando de assunto, perguntou:

— Tiveste boa noite de sono ontem?

Comecei a rir.

— Não muito boa. Tive que me levantar várias vezes para matar a sede.

— Também depois do que bebeste... – disse, rindo-se também.

Ele ia comentar mais alguma coisa, quando fomos interrompidos pela chegada intempestiva duma rapariga loira e cheia de corpo.

— Luís, meu querido, então vieste?

Camões abriu um largo sorriso e disse à mulher que se sentou em seu colo:

— Não te disse que viria?

31 Criação & Crítica

Ela deu um muxoxo.

— Nem sempre se pode confiar no que dizes...

— E por que não, Anita? Sabes que reinas em meu coração.

Anita? Lembrava-me ter ouvido aquele nome na tasca do Moiro.

— Estás a brincar comigo! Tu dizes isto a todas as raparigas. Outro dia mesmo...

Camões cortou-lhe a fala, protestando:

— Ora, minha querida. Não digo isto a mais ninguém. Tanto é assim que compus um poema especialmente para ti, falando do amor que te tenho.

— Verdade?! – ela arregalou os olhos, juntou as mãos e disse, como que encantada: – Então, diga-me os versos.

Sem pestanejar, Camões recitou:

Como posso amar outra mulher,
Se tenho para mim a minha Anita
Que, singela, divina e tão bonita,
Fez meu coração mais forte bater?

Anita de um gritinho de alegria.

— Pois os escreveste mesmo especialmente para mim?

— Sim, para ti. Para mostrar que não tenho olho para outra mulher.

Hummmm, já tinha ouvido uma versão um bocadito diferente na tasca do Moiro.

Esse Camões...

O comportamento de meu amigo causava-me espanto porque, como eu só tinha olhos para Manuela, não podia entender como alguém se entretivesse com tão diversas mulheres. Mas, para minha surpresa, não eram só a Inez e a Ana que o disputavam entre si. Vim a descobrir que outras raparigas procuravam-no nas tascas, sem contar, como soube mais adiante, que ele mantinha ou havia mantido diversos casos amorosos na própria Corte.

— Essas mulheres... – com aquele senso de humor peculiar, Camões tornou a dizer o que já havia dito na tasca do Moiro.

— Perdoai minha indiscrição... – comecei a dizer, mas Camões interrompeu-me com um gesto e disse:

— Por que não me tratas por tu? Afinal, somos amigos, não?

— Sim, somos, mas...

— Pois então, esquece este “vós”, tratamento entre pessoas cheias de cerimônia. Como não somos de cerimônia...

Gritou pelo dono da taberna, pedindo mais vinho e disse:

— Falavas de tua indiscrição...

— Sim – disse eu –, perdoa-me, pois, se sou indiscreto, mas és capaz de amar duas mulheres ao mesmo tempo?

— E por que não?

— Mas quando amamos, não devemos nos ater exclusivamente à mulher que escolhemos para amar?

31 Criação & Crítica

— Depende... Quando amo a várias, amo em cada uma delas o que uma possui e o que outras, não. A diversidade no amor é que talvez nos ajude de fato a nos aproximar do verdadeiro Amor.

— E já amaste alguém com este vero Amor?

Camões ficou refletindo por alguns segundos.

— Devo-te confessar que sim. Um dia... — ele calou-se, e seu olho se fixou-se num ponto vago, como se, cheio de melancolia, estivesse mergulhando no passado.

Tomou mais um gole de vinho e disse:

— Ela era não só uma das mais belas damas da corte, mas também uma mulher refinada, que amava a poesia.

— Apaixonaste-te por ela?

— E como não? Foi paixão à primeira vista. Só tinha olhos para ela — quando ainda não era um caolho —, e ela também só os tinha para mim. À época, compus-lhe os mais belos poemas ditados por meu coração apaixonado. Gostarias de ouvi-lo?

— Claro. Teria muito prazer.

Após ficar pensativo um tanto, começou:

Quem vê, Senhora, claro e manifesto
O lindo ser de vossos olhos belos,
Se não perder a vista só em vê-los,
Já não paga o que deve a vosso gesto.

Este me parecia preço honesto;
Mas eu, por de vantagem merecê-los,
Dei mais a vida e alma por querê-los,
Donde já me não fica mais de resto.

Assim que a vida e alma e esperança
E tudo quanto tenho, tudo é vosso,
E o proveito disso eu só o levo.

Porque é tamanha bem-aventurança
O dar-vos quanto tenho e quanto posso
Que, quanto mais vos pago, mais vos devo.

— Quanto a mim, gostei demais! — exclamei. — E o que achou ela do soneto?

— Disse-me que eram os versos mais sublimes que ouvira.

— Pelo que me disseste foi há muito que a conhecestes. E ela continua como tua amante...?

— Muito gostaria que o fosse, mas infelizmente acabou por não o ser.

— Por que motivo não são amantes, se ambos se amam?

— É uma longa história. Se estás disposto a ouvi-la, posso contar-te.

VI

No qual Camões trata dos desenganos do Amor e conta de algumas belas damas da Corte a quem cortejou e do que resultou desta sua ousadia

— Logo que comecei a frequentar a Corte – começou Camões –, tive muitos amores entre as damas do Paço. Com meus verdes anos, não chegasse ser jovem, acompanhava-me também a fama de aventureiro e poeta. Movido pelos arroubos da juventude e confiando em minha aparência, tinha a dama que queria. Bastavam uns versos recitados ao ouvido, um dito espirituoso, e a reputação fazia o resto. Mas não as amava de fato: costumavam ser para mim o mesmo que a espuma do mar na areia da praia...

Tomou mais um gole de vinho e continuou:

— Contudo, não se pode brincar com o coração, que tem razões desconhecidas...

Deu um suspiro e prosseguiu:

— Pois quando conheci essa dama da Corte, em especial, posso dizer que fui ferido pelas flechas de Cupido. Ela...

— Ela quem? – perguntei, cheio de curiosidade, esquecido da discrição, atitude essencial nessas conversações em que há confidências de amor.

— Quem era ela? – ficou quieto por alguns instantes. Mas, dando de ombros, como se não se importasse com minha falta de recato, voltou a falar: – O que me custa dizer-te quem era ela? Afinal, és um jovem honrado e tens todo o direito a sabê-lo.

Fez um pequena uma pausa e disse, num tom respeitoso:

— Vim me apaixonar pela infanta dona Maria.

Fiquei perplexo.

— Pela infanta dona Maria! A irmã de el-Rei D. João III?

— E por que não? – e completou com ironia: – Pelo que eu saiba, ela é mulher.

E bem mulher...

Sorri, meio embaraçado.

— Não me referia a isto, mas ao fato de ousares fazer a corte à irmã de el-Rei.

— Pois foi mesmo ousadia de minha parte. Dona Maria é uma mulher muito bela. Seus olhos competem com o sol em fermosura e claridade. É uma mulher cultíssima, uma cousa rara entre as damas da Corte. Conquistou-me não só por estas qualidades, mas por também ter um coração sensível.

Deu um suspiro fundo e disse com um travo na voz:

— Mas foi um amor infeliz, impossível.

— Por ser ela irmã de el-Rei?

— Por ela ser irmã de el-Rei, por ser riquíssima, por eu não pertencer à alta nobreza e nem ter me destacado com grandes feitos no Oriente. E o pior é que este meu amor por ela acabou por causar-me sérios dissabores.

— Que tipo de dissabor?

31 Criação & Crítica

— Por insistir em cortejá-la, como pena, fui condenado a alguns meses de prisão.
— Mas isto é injusto! – bradei, inconformado.
— Não há cá neste mundo justiças ou injustiças. As cousas são como são – meneou a cabeça tristemente e recitou:

Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos;
E, para mais m'espantar,
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.

— São de uma redondilha que estou a compor – explicou-me. – Procurei nela mostrar como este mundo é desconcertado: só por amar fui preso, enquanto que há por aí grandes mandriões a fazer o mal a todas as gentes e que continuam à solta.

Franziu o cenho, contrariado:

— Se não pude obter os favores de dona Maria e mereci até um castigo, não me impedi depois de amar quem bem quisesse. Mulheres belas, mulheres com o coração afinado para as cousas do amor, merecem ser cortejadas. Seria uma ofensa ao deus do Amor, se nós os homens ficássemos indiferentes aos encantos delas.

— E, então, tiveste outros amores na Corte...

— Claro que os tive.

— Mesmo correndo o risco de outra vez seres castigado?

— Sim, mesmo com tal risco. O que acontece na Corte é que nem sempre as mulheres são amadas por quem de direito. Imperam ali as relações de nobreza e dinheiro. Não cabe às mulheres e aos homens a livre escolha de seus pares. Procuram-se unir casas de fortuna, de nobreza, independentemente de se os envolvidos se amam. E daí resultam compromissos e casamentos infelizes.

Respirou fundo e prosseguiu:

— Quando muito cedo vim a descobrir isto, julguei que cabia a mim – e também a outros homens dotados duma alma sensível – preencher de amor o vazio de corações famintos de amor. Daí que, ao dar com uma dama solitária, comprometida ou não, e que me atraísse com seus belos olhos, não hesitasse em dirigir a ela palavras de mel.

Fiquei espantado ao ver que Camões me confessava ter cortejado até mulheres comprometidas. Mais uma vez a sombra da minha mãe, com seus rebates morais, vinha pesar sobre mim. Antes que lhe perguntasse sobre isto, Camões adiantou-se e disse com malícia:

— Na certa, gostarias de saber de amores que tive por mulheres comprometidas, não?

Fiquei meio sem jeito, mas, já que ele se havia adiantado ao assunto, balancei a cabeça concordando.

— Quando contava com meus vinte anos – Camões começou a contar –, dom Francisco de Noronha, um dos fidalgos mais proeminentes da Corte, contratou-me como mestre de suas filhas, Joana e Ana Cândida. Para exercer este mister, fui morar com a família no palacete do Conde de Linhares. Dom Francisco, bem mais velho que a

esposa, dona Violante, homem seco, arrogante, parecia desdenhar tanto das filhas quanto da mulher.

Meditou por algum tempo e recomeçou:

— Era como se ele não soubesse das joias que possuía em casa. Dona Violante é belíssima, com seus olhos verdes e madeixas loiras. Não bastasse isso, tem uma rica livraria e ama ler os clássicos. As filhas puxaram à mãe, tanto em beleza quanto em inteligência. Cousa mais fácil foi desempenhar-me das tarefas de mestre. Elas aprendiam com rapidez e alegria.

— E o que ensinavas a elas?

— O vernáculo, o latim, o grego, história, filosofia... – tudo o que faz parte da educação liberal duma futura dama da Corte.

Camões limpou a garganta e continuou:

— Mas o que me dava grande alegria era que, de vez em quando, dona Violante vinha até o estúdio onde eu ensinava as meninas. De início, pensei que estivesse a avaliar minha competência. Com o tempo, porém, vim a perceber que gostava de ouvir-me falar. Soube que as filhas tinham-lhe contado do entusiasmo com as aulas. Discreta, entrava ela no salão e, atenta, acompanhava as lições.

— E o marido, não?

Camões movia a mão, fazendo um gesto de desprezo.

— Aquele homem só pensava em sua carreira. Vivia a estudar leis. Pouco valor dava aos estudos literários, à arte, à filosofia. Ao contrário de dona Violante que tinha verdadeira paixão pelos clássicos.

Ele parou para refletir um pouco e disse, em seguida:

— Às vezes, costumava ler para as raparigas trechos da *Odisseia*, da *Ilíada*, da *Eneida*. Como o fizesse com uma entonação diferente, dando ênfase às falas, detendo-me nas descrições pitorescas e explicando o sentido dos versos, elas ficavam deveras encantadas. Num dia, em que ia começar a ler parte do Canto V da *Odisseia*, na qual a deusa Calipso lamentava ter que deixar Ulisses partir, por ordem dos deuses, dona Violante veio ter conosco.

— A qual trecho te referes? – interrompi, curioso, a narrativa dele.

Sem hesitar, Camões recitou os versos da *Odisseia*, exibindo prodigiosa memória:

Sorri mansa Calipso, a mão lhe afaga:
“És ardiloso e desconfias sempre.
Já comigo o jurei; mas o orbe saiba,
O céu vastíssimo, a infernal Estige
(Grave aos numes terrível juramento),
Que nenhum dano, Ulisses, te aparelho:
No teu caso obraria o que proponho.
Férrea e iníqua não sou, mas compassiva.”
E anda e Ulisses também, que entrado ocupa
O trono de Mercúrio; em frente, a ninfa
Lhe oferece o que os homens alimenta,

31 Criação & Crítica

E as serventes a ela ambrosia e néctar.
Saciados ambos, começou Calipso:
“Voltar queres, astuto, em breve aos lares?
Embora, adeus. Se as penas antevisses
Que te aguardam, comigo em laço estreito
Imortal ficarias, bem que aneles
Tua esposa abraçar, cuja lembrança
Te rala de contínuo; em garbo e talhe
A sobrelevo; que as mortais não podem
Comparar-se em beleza às divindades.”
Ulisses respondeu: “Sublime deusa,
Não te agraves portanto; eu sei que em tudo
A prudente Penélope transcendes,
Nem da morte és escrava ou da velhice;
Mas para os lares meus partir suspiro.
Se um deus me empece, como os já passados,
Suportarei constante os outros males.”

— A propósito deste trecho – voltou a explicar –, achei de comentar sobre as coisas enigmáticas do amor. Ou seja, que Ulisses deixa Calipso, apesar de ela ser uma deusa e exceder as demais mulheres em beleza, porque ama Penélope e quer voltar para Ítaca, aos braços de sua amada. Inclusive – observei, em meu comentário –, chegava ele a desprezar a prerrogativa de ser imortal, se permanecesse ao lado da deusa. É o que Calipso, muito sagaz, comenta:

Embora, adeus. Se as penas antevisses
Que te aguardam, comigo em laço estreito
Imortal ficarias, bem que aneles
Tua esposa abraçar, cuja lembrança
Te rala de contínuo;

— Imagino então que dona Violante tenha recebido teus comentários com muita receptividade.

— Sim, é claro. Ela disse-me com a voz embargada: “Já havia lido esse episódio, mas sem pôr tanta emoção como vós pusestes, dom Luís! Em vossa leitura, parecia-me que estava a ouvir o próprio Ulisses dizendo ‘Mas para os lares meus partir suspiro’. O Amor, por vezes, tem dessas cousas muito sublimes”. Enquanto dona Violante dizia aquilo, seus olhos brilhavam cheios de intensidade. Percebi neles o quanto aquela alma era solitária, infeliz. Tanto que lhe agradavam por demais os assuntos que diziam respeito ao amor melancólico.

Prosseguiu:

— Lembra-me de que ela gostou sobremaneira quando, numa das aulas, discorri acerca de Platão, que trata, como sabes, do amor ligado à questão da imperfeição humana. Segundo o filósofo, no princípio dos tempos, éramos um todo, inteiros, plenos

e, depois, fomos separados em masculino e feminino e passamos a sofrer a desdita duma parte procurar sua contraparte, em busca da plenitude que só se encontra no Amor.

Camões sorriu e disse:

— A propósito, cheguei a escrever um soneto celebrando estas ideias, soneto este que dediquei à dona Violante.

E recitou:

Transforma-se o amador na cousa amada
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho, logo, mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
Pois consigo tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semideia,
Que, como um acidente em seu sujeito,
Assim co'a alma minha se conforma,

Está no pensamento como ideia:
E o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a matéria simples busca a forma.

— Presumo que ela deve ter gostado bastante... O poema é de rara beleza.

— Sim, gostou. Acredito que dona Violante tenha, inclusive, guardado uma cópia que lhe dei com meu autógrafo.

Ficou em silêncio por um bocado de tempo. Bebeu mais vinho e continuou a contar:

— Dona Violante vivia muito só, ainda mais depois que dom Francisco foi para Paris como embaixador. Ela quis ficar cá em Portugal. Vim a descobrir que, além da repugnância que sentia pelo marido, ela o fez também por mim. Isso contribuiu para que nosso amor clandestino prosperasse. Ela desejar ficar comigo deixou-me assaz envaidecido. Quer maior honra que uma dama de altíssima linhagem entregar seu coração a um pobre soldado de fortuna?

— Então, amaste-a de fato...

— Sim, amei-a intensamente, e ela, de modo bem natural, entregou-se a mim.

Suspirou, cheio de tristeza:

— Mas, como outros de meus amores, era um amor fadado ao fracasso.

— E então não ficaste com dona Violante...

— Tivemos que nos separar. Ela era esposa dum alto dignitário da Corte, eu um João-ninguém. Nada podíamos fazer senão nos amarmos à distância e em segredo.

Quando raramente ficávamos a sós, todo cuidado era pouco. Havia a criadagem. Eu não podia pôr a perder sua reputação. E havia um risco muito grande de isto acontecer, o que me obrigou a afastar-me da mulher que tanto amava... Por amá-la de modo intenso é que voluntariamente a perdi.

Cheio de curiosidade, perguntei:

— E a quem mais amaste na Corte?

— A muitas damas, mas foram amores passageiros. A quem amei de fato, tirante a infanta dona Maria e dona Violante, foi também dona Caterina de Ataíde.

Ao ouvir aquele nome, estremei, pois sabia que dona Caterina de Ataíde era tia de minha amada. Camões deve ter percebido meu desconforto, tanto que perguntou em seguida:

— Por acaso, tu a conheces?

— Não, não a conheço, mas posso dizer que conheço de vista a sobrinha dela, dona Manuela.

Ele deu um daqueles seus sorrisos maliciosos.

— Por acaso, amas à menina, não?

Fiquei embaraçado. Camões, percebendo isto no ato, caiu na gargalhada. Aumentou ainda mais meu acabrunhamento, quando me recriminou:

— Meu caro, passei-te toda minha vida amorosa a limpo. Quanto a ti...

— Perdoa-me... – balbuciei, envergonhado. – Acontece que...

Bateu-me familiarmente no ombro.

— Esquece. Falaremos disso depois.

Passou a mão pelo estômago, bocejou e disse:

— Estou com fome. Imagino que também deves estar. Vamos experimentar o guisado que o Moiro preparou para hoje. Depois, falamos da minha Caterina e tu, se quiseres, da tua Manuela.

VII

Onde, numa outra conversação, Camões e Pedro falam de suas respectivas Ataídes e de amores impossíveis. Onde o poeta se propõe a ajudar seu amigo nas empreitadas do Amor

Como era de se esperar, o guisado do Moiro estava mesmo de apetite. Eram carnes de rês, de vitela, de porco, de galinha cozidas num caldo grosso em que abundavam ervas. Comemos a nos fartar. Entre um bocado e outro e copos de vinho, Camões continuou a falar da vida na Corte, contando casos engraçados e pitorescos:

— Nem tudo, porém, são flores entre as damas do Paço. Há umas que são feias em demasia, outras que fedem. Por falta de asseio. Uma delas era tão horrível que, às suas costas, eu costumava recitar aquela famosa cantiga de escárnio de João Garcia de Guilhade:

Ai, dona feia, fostes-vos queixar
Que vos nunca louvei em meu trovar;
Mas ora quero fazer um cantar
Em que vos louvarei todavia;
E vedes como vos quero louvar:
Dona feia, velha e sandia!

Caí na gargalhada. Camões era mesmo um pândego.

Continuou naquela toada, contando muitas histórias. Entre elas, de como havia perdido o olho direito, em 1547, numa batalha naval em Ceuta.

— Um golpe de espada?

— Sim. Um cobarde dum moiro apanhou-me desprevenido – e acrescentou: – Mas, em compensação, enterrei minha espada no coração dele.

Disse-me que o ferimento, inclusive, havia-lhe causado dissabores na Corte, a ponto de ser insultado, aqui e ali, por alguns desafetos. Como uma dama que, ao lhe chamar “Cara-sem-Olhos”, recebeu, como resposta, uma rima. Com a voz carregada de ironia, recitou-me os versos que havia composto:

A uma Dama que lhe chamou “Cara-sem-Olhos”

Sem olhos vi o mal claro
Que dos olhos se seguiu:
Pois “Cara-sem-Olhos” viu
Olhos que lhe custam caro.
De olhos não faço menção,
Pois quereis que olhos não sejam.
Vendo-vos, olhos sobejam,
Não vos vendo, olhos não são...

Até que, mais circunspecto, levantou-se e disse:

— Vamo-nos daqui. Como queremos falar das nossas Ataídes, melhor seria que estivéssemos num lugar menos promíscuo que esta tasca.

Paga a conta, ele sugeriu:

— Que tal se fôssemos a minha casa? Lá, teremos sossego e discrição para tratarmos de nossas damas...

Camões morava nos altos da Alfama, numa construção algo decrépita. Era uma casa de dois andares, com o reboco caindo, as paredes manchadas de umidade. Havia alugado uma saleta e um quarto, que não primavam pela arrumação. Havia poucos móveis: ua mesa, duas cadeiras desirmanadas, estantes, ua cama espaçosa, toda desarrumada, e estantes carregadas de livros e papéis.

Impressionou-me a livraria de Camões, dividida entre livros e pergaminhos. A uma olhada superficial, vi a *Bíblia Sagrada*, *O Banquete*, *Poética*, *Ilíada*, *Odisseia*, *Eneida*, *Ars poetica*, *A divina comédia*, *Peregrinação*, *Cancioneiro da Ajuda*, *A demanda*

do Santo Graal, Amadis de Gaula, Crônica do Imperador Clarimundo, além de obras de Cícero, Plauto, Catulo, Heródoto, Plínio. Estavam fora de ordem ou numa ordem que só ele entendia.

Sobre a mesa, havia folhas de papel, algumas usadas, outras não, dois livros abertos, penas de ganso aparadas ou rombudas, um tinteiro com tinta pela metade.

Camões sentou-se numa cadeira de alto espaldar, eu, numa outra comum diante dele. E começou a dizer:

— Dona Caterina de Ataíde excede às demais damas da corte em beleza – calou-se e acrescentou, cheio de empolgação: – Ah, aqueles cabelos loiros, aqueles olhos celestes, a tez e os seios brancos, opulentos! É muito altiva, orgulhosa. Tem-se em alta conta. Enfeitiçou-me, tal fosse a Circe. E como toda feiticeira, deseja ter os homens a seus pés, como cativos.

Ficou um tempo olhando para o vazio, após o quê, disse:

— Rendi-me aos encantos de Caterina. Contudo, como sempre, havia senões para impedir o nosso amor. Enquanto ela é da alta nobreza, minha família, apesar de honrada, não tem títulos que se sobressaem e muito menos riquezas. E como já sabes, as regras da Corte não permitiriam que uma mulher e um homem de diferentes condições relacionassem-se amorosamente.

Bebeu mais um gole e disse:

— E como nem mesmo podia dedicar-lhe poemas, criei um anagrama com o seu nome, para poder louvá-la sem despertar suspeitas. E assim, Caterina transformou-se em Natércia.

Foi até a mesa, remexeu em suas cousas até encontrar uma folha de papel que me estendeu.

— Lê o que escrevi sobre meu amor por Caterina.

Era um soneto, por sinal, tão belo como os demais:

Na metade do Céu subido ardia
O claro, almo Pastor, quando deixavam
O verde pasto as cabras, e buscavam
A frescura suave da água fria.

Co'a folha da árvore sombria,
Do raio ardente as aves se amparavam;
O módulo cantar, de que cessavam,
Só nas roucas cigarras se sentia;

Quando Liso pastor, num campo verde,
Natércia, crua Ninfa, só buscava
Com mil suspiros tristes que derrama.

Porque te vás de quem por ti se perde,
Para quem pouco te ama? (suspirava).
Eco lhe responde: Pouco te ama.

— O Pastor a que referes na primeira estrofe é metáfora do sol que subia ao céu, ao meio-dia, não? – disse.

Camões meneou a cabeça, assentindo. Continuei:

— Liso és tu e Natércia, Caterina... Ingrata, ela não lhe responde ao apelo, e o que ouve Liso é tão só a voz de Eco...

— É o que sinto em relação a Caterina. Quando estou a olhar para ela, quer me parecer que o seu olhar derrama-se em desdêns, é luz fria, sem calor – e Camões completou com mágoa: – Mas fazer o quê, se o amor que mais nos prende é justo aquele que nasce da indiferença das mulheres para conosco?

Refleti algum tempo sobre aquela contradição. Como um homem podia amar uma mulher cujo olhar derramava-se em desdêns? Por mim, continuava a acreditar que o amor era feito de dedicação plena dum ao outro, sem desprezos de parte a parte.

Camões, talvez adivinhando o que pensava, disse:

— Pelo visto, não crês no que te digo...

Pus-lhe a minha dúvida. Camões disse:

— Talvez digas isto porque sejas jovem e não tenhas ainda sido vítima das artimanhas duma mulher. Mas eu que...

Calou-se, mas logo voltou à carga, perguntando:

— Mas já falei muito de mim. Quanto a ti, o que me dizes de tua Ataíde?

Estremeci. Como lhe confessar o que sentia por Manuela? Sorriu com malícia ante minha indecisão e disse:

— Pelo que parece, não queres...

— Não é isso. É que... – disse, interrompendo-o.

— É que o quê? – tornou Camões, impiedoso.

— Está bem, vou contar-te.

E a um sério, compenetrado Camões, contei toda a minha paixão por Manuela e sobre a impossibilidade de aproximar-me dela, devido a desavenças familiares.

— Desavenças familiares? Prepara-te, amigo Pedro, pois terás que lidar bastante com isto em tua vida. Como já te disse, cá em Portugal, nem sempre as uniões fazem-se por amor e escolhas próprias. Mas tais desavenças podem ser superadas, caso tenhas por Manuela aquele vero amor de que te falei.

— Amo-a muito! – disse com convicção.

— Só de vê-la passar em seu coche umas poucas vezes?

Refleti sobre a pergunta de Camões que, na verdade, incomodou-me um bocado, mas acabei usando duma imagem poética, roubada dele, para expressar o que sentia por Manuela:

— Não sei explicar-te, mas o que aconteceu é que, só com vê-la, fui de imediato ferido pelas flechas de Cupido.

Camões fitou-me com intensidade e disse como se estivesse recitando:

— Ditoso seja o dia e hora, quando tão delicados olhos me feriam!³

Dei um suspiro.

³ Camões recita dois versos do soneto “Apolo e as nove musas, discantando” (*Sonetos*, 051, p. 81).

- Pois é o que senti e ainda sinto apenas contemplando a face de Manuela.
- Nesse caso, cabe a ti, se de fato a amas, falar-lhe deste teu amor.
- Mas como? – perguntei com tristeza. – Impossível aproximar-me dela.
- Contei-lhe da aia de ar feroz de cão e dos serviçais que a guardavam com muitos cuidados.
- Nas artes do amor, sempre há um jeito de se arrumarem as cousas, isto se os amantes se amam de veras – disse ele. – O que não se pode é esmorecer.
- E tu me ajudarias nessa empreitada...? – perguntei com receio.
- Mas claro! Para que, afinal, somos amigos?
- E o que farias para... – ia começar a lhe perguntar, quando ele fez um gesto, interrompendo-me a fala.
- Não sou um mágico capaz de tirar da gorra um coelho. Devagar com o andor. Antes, temos que conhecer o terreno do inimigo, descobrir-lhe as falhas, para, só depois, investir. Lembra-te: o apressado come cru.
- Ante meu olhar ansioso, bateu-me com afeto ao ombro e disse, pegando da capa e da espada:
- Toma mais vinho e diverte-te com a leitura dalgum tomo da minha livraria.
- Indo em direção da porta, acrescentou:
- Vou caminhar por aí afora e conversar com uns e outros. No fim da tarde, talvez já tenhamos algumas respostas para o teu caso.

Referência eletrônica: GOMES, Álvaro Cardoso. Entre a pena e a espada (a saga do poeta e aventureiro Luís Vaz de Camões). *Criação & Crítica*, n. 31, p., dez. 2021. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mm. aaaa.